

RALED

VOL. 25(1) 2025



ARTÍCULO

LGBTQIA+fobia e futebol: uma análise discursiva e descolonial de comentários violentos no Instagram

LGBTQIA+phobia and football: a discursive and decolonial analysis of violent comments on Instagram

DOUGLAS DE OLIVEIRA DOMINGOS

<https://orcid.org/0000-0002-2897-1883>

Universidade Federal da Paraíba

Brasil

FÁBIO ALEXANDRE SILVA BEZERRA

<https://orcid.org/0000-0003-3401-9933>

Universidade Federal da Paraíba

Brasil

Recebido: 9 de outubro de 2024 | Aceito: 12 de março de 2025

DOI: 10.35956/v.25.n1.2025.p.64-84

RESUMO

Em junho de 2024, o Fluminense Futebol Clube publicou no *Instagram*, entre outras fotos, a imagem de uma bandeira com o brasão do time sobreposto às cores do movimento LGBTQIA+. Comentários preconceituosos e violentos de alguns/mas torcedores/as foram postados logo em seguida, escancarando uma tentativa de invalidar o debate sobre a diversidade e anulá-lo do domínio do futebol. Nesse contexto, o objetivo principal deste artigo é analisar discursivamente as relações de saber, poder e resistência que atravessam e constituem os sujeitos LGBTQIA+ simpatizantes desse esporte, por meio da materialidade dos comentários supracitados. Para a efetivação de tal análise, discutimos sobre os processos de objetivação concretizados nesses enunciados, investigamos os saberes que permitem sua irrupção e refletimos acerca das possibilidades de ruptura de práticas discriminatórias, excludentes e violentas. Pautamo-nos principalmente nos Estudos Discursivos Foucaultianos em interação transdisciplinar com as pesquisas descoloniais empreendidas no campo da Linguística Aplicada Transviada.

PALAVRAS CHAVE: *Descolonialidade. Estudos Discursivos Foucaultianos. Futebol. LGBTQIA+fobia. Linguística Aplicada Transviada. Relações de saber-poder.*

RESUMEN

En junio de 2024, Fluminense Futebol Clube publicó, en Instagram, entre otras fotos, una que mostraba una bandera con el escudo del equipo superpuesto a los colores del movimiento LGBTQIA+. Poco después se publicaron comentarios prejuiciosos y violentos de algunos/nas aficionados/as, revelando un intento de invalidar el debate sobre la diversidad y sacarlo del ámbito del fútbol. En este contexto, el objetivo principal de este artículo es analizar discursivamente las relaciones de saber, poder y resistencia que permean y constituyen sujetos LGBTQIA+ que sustentan este deporte, a través de la materialidad de los comentarios mencionados. Para realizar tal análisis, discutimos los procesos de cosificación implementados en estas declaraciones, investigamos los saberes que permiten su irrupción y reflexionamos sobre las posibilidades de romper con prácticas discriminatorias, excluyentes y violentas. Nos basamos principalmente en Estudios Discursivos Foucaultianos en interacción transdisciplinaria con investigaciones decoloniales realizadas en el campo de la Lingüística Aplicada Transviada.

PALABRAS CLAVE: *Descolonialidad. Estudios Discursivos Foucaultianos. Fútbol. LGBTQIA+fobia. Lingüística Aplicada Transvertida. Relaciones de saber-poder.*

ABSTRACT

In June 2024, Fluminense Futebol Clube published, on Instagram, among other photos, an image featuring a flag with the team's coat of arms superimposed on the colors of the LGBTQIA+ movement. Prejudiced and violent comments from some fans were posted shortly thereafter, revealing

an attempt to invalidate the debate on diversity and to exclude it from the domain of football. Within this context, the main objective of this article is to discursively analyze the relations of knowledge, power, and resistance that permeate and constitute LGBTQIA+ subjects who support this sport, through the materiality of the comments above. To conduct this analysis, we examine the processes of objectification enacted in these statements, investigate the knowledge that enables their emergence, and reflect on the possibilities for disrupting discriminatory, exclusionary, and violent practices. Our approach is primarily grounded in Foucauldian Discursive Studies, in transdisciplinary dialogue with decolonial research in the field of Queer Applied Linguistics.

KEYWORDS: *Decoloniality. Foucauldian Discursive Studies. Soccer. LGBTQIA+phobia. Queer Applied Linguistics. Knowledge-power relations.*

Introdução

Não gostamos de futebol. Mal sabemos o nome dos/as jogadores/as da atual seleção brasileira de futebol. Costumamos pensar que é uma perda de tempo assistir a 22 pessoas correndo atrás de uma bola para acertá-la em uma das redes em lados opostos do campo. Mas nem sempre ousamos expressar essa opinião em todos os ambientes, quer seja pela insegurança de não termos argumentos suficientes para sustentá-la ou por receio do julgamento que costuma acompanhar esse posicionamento. Até aqui, nós dois, Douglas e Fábio, pudemos nos expressar na primeira pessoa do plural, visto que compartilhamos essas primeiras impressões. Nos parágrafos seguintes, contudo, recorreremos à primeira pessoa do singular para falar de nossas experiências particulares.

Quando eu, Douglas, homem cisheterossexual, estou entre homens, que, seja na academia de musculação ou em festas de família, empolgam-se ao discutir os últimos lances do Brasileirão ou de qualquer um desses campeonatos, às vezes evito confessar que não gosto de futebol. Isso tem sido bem menos frequente. Ultimamente sou confiante em relação a esse posicionamento. Mais novo, não era. Tinha a impressão, não isolada nem meramente pessoal, de que isso me tornava “menos homem”.

Hoje em dia, percebo que ser “menos homem”, a depender do sentido da expressão, não consiste em algo ruim. Pelo contrário, pode ser muito bom, principalmente se significa ter comportamentos menos machistas, heteronormativos e violentos. Nesse sentido, alguns estudos recentes têm assinalado os discursos e as tensões que são produzidas sobre as instáveis relações entre masculinidade e futebol no contexto brasileiro (Bandeira 2010; Kessler 2012; Rios; Coelho 2020; Bresque 2021; Spaggiari 2023), que apontam particularmente para a compreensão, à qual também nos afiliamos, de que as masculinidades (sim, no plural) são construções sócio-culturais e históricas, ultrapassando um suposto modelo social hegemônico.

Esses estudos, em geral, indicam o fato de que a cultura que impera no “país do futebol” ainda é a de uma masculinidade tóxica, responsável por marginalizar os homens que não se curvam à hegemonia cisheteronormativa. Essa mesma masculinidade promove as seguintes visões: homens que não gostam de futebol são gays; gays não estão autorizados a gostar de futebol. O termo LGBTQIA+ não passa de “lacrção” e “mimimi” segundo essa concepção, como se não houvesse diferença entre homossexual, bissexual e transexual, por exemplo. “É tudo viado!”, dizem os machistas declarados e os não declarados. Evidencia-se, assim, que a “publicidade normativa, isto é, o controle moral que se instala sobre os corpos anunciados como dissidentes, é fruto de processos sistemáticos que produzem os limites para o reconhecimento” (Teixeira 2024: 29-30).

Apesar de entender, depois de muitos anos, que, mesmo como homem cisheterossexual, eu não deveria considerar um xingamento ser visto como homem cishomossexual, incomoda-me a confusão, ora proposital, ora ignorante, entre orientação sexual e predileções, personalidades ou gestos. Pior ainda: ao associar um gosto pessoal como homossexual, confunde-se também orientação com gênero. Ocorre como se determinado gosto pessoal fosse “coisa de homem” ou “coisa de mulher”, o que gera novamente uma segregação e uma associação equivocada entre o homossexual e o feminino.

Não muito diferente de Douglas, eu, Fábio, também tive uma relação tensa com o futebol, quer seja na escola (nas famigeradas aulas de educação física¹) ou em outros contextos de sociabili-

1 Para vislumbrar a complexidade das relações de gênero e sexualidade nesse contexto escolar, sugerimos a

dade (particularmente nas brincadeiras de rua nos bairros onde morei), precisamente pelo receio de ser tachado de “bixa” ou “viadinho” ao expressar meu absoluto desinteresse por este esporte, muito antes de ter uma compreensão mais clara sobre minha sexualidade. No entanto, como homem cishomossexual, essa tensão foi paulatinamente se intensificando à medida que realmente entendia que aquilo do que poderiam me tachar era, de fato, verdade. Foi apenas com o passar dos muitos anos, a partir das relações de amizades potencializadoras da minha autenticidade, que fui construindo um orgulho de ser quem sou – e, como consequência, já não me importavam quaisquer julgamentos ou desconfiças pelo fato de eu não gostar de futebol... na verdade, posso dizer que passei a deixar isso bem explícito (risos).

Apenas muito recentemente, jogadores/as e ex-jogadores/as de futebol assumidamente LGBTQIA+, a exemplo do brasileiro Richarlyson e da brasileira Marta, do australiano Josh Cavallo e do inglês Jake Daniels, têm fomentado a discussão acerca do machismo e da LGBTQIA+fobia nos vestiários, no campo, nas arquibancadas e nas rodas de conversa sobre o esporte. Por meio da internet, alguns/mas torcedores/as se destacam na desconstrução de estereótipos. Há grupos organizados nas redes sociais que incluem a comunidade LGBTQIA+ e tentam erguer espaços de segurança e respeito para as pessoas manifestarem sua paixão pelo futebol sem receio da violência física, verbal e psicológica. Ademais, influenciadores/as digitais como o vascaíno Fernando Santos (@nandogald) declaram abertamente que homens gays podem gostar verdadeiramente de acompanhar a trajetória do time de coração e os dribles dos jogadores sem admirar apenas seus corpos malhados.

Alguns clubes também passaram a se posicionar diante de tal questão, principalmente devido às reivindicações da sociedade, que avança a passos lentos, mas firmes, em direção ao respeito às diferenças socio-identitárias. Exemplo disso foi a ação do Fluminense, no dia 27 de junho de 2024, da qual eu, Douglas, tive notícia pela primeira vez assistindo aos *stories* no perfil do *Instagram* da minha irmã, Adrielle Domingos, torcedora do Tricolor. O clube homenageou o Mês do Orgulho LGBTQIA+ com uma bandeira, no campo do Maracanã, contendo o brasão do time sobre um fundo de listras coloridas, em referência ao símbolo do grupo homenageado (Fig. 1). Embora tenha sido um gesto mínimo de respeito, essa publicação suscitou uma série de comentários LGBTQIA+fóbicos acerca da “falta de necessidade” e da “tentativa de lacração” da atitude do Fluminense.

Considerando que “discursos de ódio suscitam polêmica e elevado volume de engajamento nas redes sociais com uma infinidade de comentários, compartilhamentos, retuítes, *likes*, etc., de tal forma que, muito rapidamente, o conteúdo pode se tornar viral” (Trindade 2022: 109-110), o objetivo central deste artigo é *analisar as relações de saber, poder e resistência que atravessam e constituem os sujeitos LGBTQIA+ simpatizantes do futebol, por meio de comentários na supracitada publicação do Fluminense Futebol Clube*. Para que essa análise seja efetiva, produtiva e coerente, é necessário discutir os processos de objetivação materializados nos enunciados selecionados, investigar os saberes que respaldam tanto os discursos machistas e cisheteronormativos quanto os de resistência da comunidade LGBTQIA+ e refletir acerca das possibilidades de ruptura de práticas discriminatórias, excludentes e violentas. A análise operada neste texto se pauta principalmente nos Estudos

leitura do capítulo de Pereira e Brito (2018) sobre discursos de masculinidades na educação física infantil.

FIGURA 1

Foto publicada pelo Fluminense.

Fonte: perfil do Fluminense F. C. no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C8u29c-PvoT/?img_index=1. Acesso em: 18 jul. 2024.



Discursivos Foucaultianos em interação transdisciplinar com as pesquisas empreendidas no campo da Linguística Aplicada Transviada (Bezerra 2023).

Chegamos ao fim desta seção destacando que, apesar de não gostarmos de futebol, respeitamos seu valor cultural, sua capacidade de reunir pessoas que, com ânimo e empolgação, compartilham momentos emocionantes, divertidos e memoráveis. Estamos em oposição a uma maioria, não generalizada, de simpatizantes e torcedores/as que desrespeitam a diversidade de orientação sexual e de gênero da população, insistindo em praticar atos de violência física e simbólica contra esses grupos minorizados. Este artigo é, portanto, uma tentativa de expulsão de atitudes discriminatórias do campo social, uma torcida obstinada pela inclusão segura e genuína de todos os sujeitos e um sinal não arbitrário de que novas partidas se iniciam com o fortalecimento do respeito à liberdade de ir, vir e ser de qualquer pessoa humana.

1. Campo teórico-metodológico: lances entre a Linguística Aplicada e os Estudos Discursivos Foucaultianos

Convém, neste momento, explicitar os fundamentos teórico-metodológicos que estabelecem o campo de nossas reflexões. Enfatizamos, primeiramente, a perspectiva de Linguística Aplicada (LA) adotada neste artigo a partir de um breve apanhado histórico do desenvolvimento deste campo do saber em face de algumas viradas epistemológicas.

No início, na década de 1940, a LA enfatizava principalmente a análise do ensino de línguas naturais, sobretudo as estrangeiras, com vistas a viabilizá-lo durante a Segunda Guerra Mundial, sendo sua preocupação central pesquisar as estratégias utilizadas nesse ensino e as possibilidades de aprimorá-las. Foi a partir dos anos 1980 que as atenções também se voltaram para situações linguísticas que extrapolavam o ensino de língua na sala de aula e nas quais a linguagem em funcionamento pode ser observada e interpretada sob diversos prismas. Nesse sentido, os diálogos e os sujeitos, inseridos em variados suportes de comunicação, passaram a figurar como centrais nesse campo de pesquisas.

Nos anos 2000, localizamos uma relevante mudança na LA: influenciada pelos estudos culturais, feministas, étnico-raciais, pós-coloniais e transviados, as pesquisas passaram a se estabelecer com base em profícuos diálogos entre teorias linguísticas, filosóficas, sociológicas, antropológicas, em perspectiva transdisciplinar que busca romper barreiras rígidas entre as disciplinas dos diversos campos do saber. Propôs-se, assim, a transcender o olhar, a lançar luz sobre grupos minorizados, marginalizados, excluídos e perseguidos, no intuito de lidar com o sofrimento humano e oferecer alternativas para o combate a injustiças das mais diferentes ordens, sempre, quer verbal, quer não verbalmente, materializadas em enunciados, constituídas por meio da linguagem, destacando a estreita relação entre discurso e poder. Nesse sentido, segundo Moita Lopes (2006: 86),

A problemática que se apresenta como desafio para a contemporaneidade, como apontam Milton Santos (2000), Kinhide Mushakoji (1999), Boaventura de Souza Santos (2004), Slavoj Žižek (2004) e outros é: como podemos criar inteligibilidades sobre a vida contemporânea ao produzir conhecimento e, ao mesmo tempo, colaborar para que se abram alternativas sociais com base nas e com as vozes dos que estão à margem: os pobres, os favelados, os negros, os indígenas, homens e mulheres homoeróticos, mulheres e homens em situação de dificuldades sociais e outros, ainda que eu os entenda como amálgamas identitários e não de forma essencializada.

É nessa perspectiva de LA que situamos nossa pesquisa como *locus* de enunciação discursiva e reflexiva, em face de seu caráter indisciplinar e transgressor. Mais particularmente, nossas análises se inserem no âmbito da Linguística Aplicada Transviada proposta por Bezerra (2023), atrelando os princípios descoloniais, interseccionais e transdisciplinares da LA Indisciplinar aos estudos de gênero e sexualidade no contexto brasileiro. O próprio termo “transviada” é uma resignificação dessa expressão, utilizada costumeiramente e pejorativamente no século XX para se referir a identidades dissidentes. Nesse sentido, para o autor,

a linguagem em uso tem em si o potencial de produzir práticas discursivas e sociais de inclusão ou de exclusão das dissidências da lógica cisheteronormativa [...]. Práticas languageiras que têm assumido destaque na mídia e no atual contexto de pesquisas acadêmicas, os *discursos de ódio* causam preocupação crescente devido a seu potencial destrutivo, particularmente na era digital, com a proliferação de redes sociais (Bezerra 2023: 76, grifos do autor).

Esse pensamento se coaduna não só com a análise realizada na próxima seção, mas também com outros conceitos mobilizados nesse processo de interpretação crítica dos enunciados selecionados, a saber: *colonialidade do poder* (Quijano 2005a), *interseccionalidade* (Akotirene 2019) e *necropolítica* (Mbembe 2018). Gostaríamos de explicitar que esses conceitos, assim como apontamentos advin-

dos de reflexões dos estudos transviados centrados nos marcadores sociais de gênero, sexualidade, raça e classe social, que nos possibilitaram evidenciar as estratégias empenhadas para a segregação da comunidade LGBTQIA+ do futebol e suas condições de emergência, são apresentados conceitualmente justamente quando se mostram necessários nas análises empreendidas nas seções que seguem, a fim de permitir um trânsito mais fluido e uma relação mais organicamente constituída entre teoria e dados de análise, como alternativa também mais indisciplinar, transviada e criativa aos moldes do fazer científico hegemônico.

Nesta seção, contudo, ainda vale ressaltar que a LA que abordamos está em estreito diálogo com os Estudos Discursivos Foucaultianos (EDF), os quais se debruçam sobre enunciados efetivamente produzidos por sujeitos sociais para, em síntese, investigar os discursos que permitem seu aparecimento no curso da História e as relações de saber-poder que atravessam tais discursos e constroem subjetividades em processos de objetivação e subjetivação. Ao mesmo tempo em que expõem essas relações, os EDF propõem refletir acerca das práticas de resistência dos sujeitos, observando como eles são capazes de provocar fissuras nas estruturas hegemônicas (Foucault 2017).

Assim como vários teóricos da LA Indisciplinar (Moita Lopes 2006), Michel Foucault, filósofo de entremeios que se dedicou, entre outras temáticas, à linguagem enquanto fenômeno sociodiscursivo, interessava-se pelos “sujeitos infames”, aqueles que, embora participem dos acontecimentos microfísicos do cotidiano nos quais os poderes institucionais e sociais incidem de maneira mais concreta e implacável, são constantemente cobertos pelo véu da invisibilidade. São vidas singulares que saem do anonimato precisamente quando se chocam com esses poderes. Para Foucault (2003: 207), é preciso que “um feixe de luz, ao menos por um instante, viesse iluminá-las. Luz que vem de outro lugar. O que as arranca da noite em que elas teriam podido, e talvez sempre devido, permanecer é o encontro com o poder”.

Sob esse viés, os/as torcedores/as LGBTQIA+ de futebol continuariam esquecidos/as se não fosse o choque com a cisheteronormatividade, que se manifesta em violências físicas e simbólicas. Nesse contato prejudicial, eles/as emergem e se tornam pauta da academia, da política, do campo jurídico, de instituições como os clubes de futebol e do jornalismo, sendo, neste último contexto, possível a constatação de como seu conteúdo frequentemente “consegue reforçar elementos da heteronormatividade e da heterossexualidade compulsória” (Santana 2018: 19). Infelizmente, a crueldade e o sofrimento são os pontos de partida para se lançar luz nessas realidades. Apesar disso, surgem práticas de resistência, as quais promovem avanços para os grupos minorizados, com amparo de algumas ações institucionais. Um dos tantos sujeitos responsáveis por essas práticas é o torcedor vascaíno Fernando Santos, que também será foco da investigação desenvolvida a seguir.

Compreendendo os comentários na publicação do Fluminense Futebol Clube como enunciados e, conseqüentemente, como unidades de materialização dos discursos, lançamo-nos às análises discursivas, denunciando discursos discriminatórios, com vistas a contribuir com uma sociedade mais equânime, inclusiva e justa. Metodologicamente, para selecionar nosso *corpus* em meio aos mais de 2.800 comentários do *post*, priorizamos aqueles que, de um lado, mobilizam discursos de minimização do preconceito, de associação da diversidade a ideologias de esquerda e de ironia com o movimento LGBTQIA+. Por outro lado, recortamos os enunciados que, referindo-se globalmente aos comentários violentos, resistem aos preconceitos reverberados por eles. Apoiamo-nos no método descritivo-interpretativo da LA e dos Estudos Discursivos Foucaultianos para enfatizar os enunciados e os discursos que os constituem nas análises que se seguem.

2. Jogadas analíticas: colonialidade e cisheteronormatividade em enunciados LGBTQIA+fóbicos

A fim de tornar mais didática a trajetória para alcançar os objetivos explicitados na introdução deste artigo, algumas questões são pertinentes. *Que processos transformam um ser humano em sujeito social e, dessa maneira, inserem-no em uma rede discursiva e histórica? Quais saberes produzidos ao longo dos séculos legitimam práticas de exclusão e violência contra a comunidade LGBTQIA+? E quais respaldam comportamentos de resistência dessa comunidade aos poderes cisheteronormativos? Como romper de modo eficiente com crueldades e preconceitos arraigados na sociedade?*

Iniciaremos esta análise discursiva mobilizando o conceito foucaultiano de *processos de objetivação*. Segundo Michel Foucault (1995), há três modos de objetivar os sujeitos, isto é, de tornar suas identidades menos livres e mais moldáveis aos discursos que os permeiam: o *saber*, o *poder* e a *subjetividade*. O saber consiste na produção de conhecimentos sobre os sujeitos principalmente nos âmbitos institucionais. Tais conhecimentos são, em dada época, encarados como verdade inquestionável e manipulados conforme as vontades e necessidades dos agentes de poder da sociedade. O poder se refere à materialização dos saberes em práticas que, de fato, incidem nos sujeitos, atingindo diretamente seus corpos físicos através do controle dos seus gestos e comportamentos, da restrição de espaços e da constante vigilância dos seus passos. Já a subjetividade diz respeito ao domínio dos sentimentos, dos pensamentos e das opiniões que constituem internamente os sujeitos, à construção de identidades forjadas por estratégias de saber-poder.

Esses modos de objetivação se concretizam em processos microfísicos, que acontecem no cotidiano das vivências e experiências humanas em dada sociedade. Eles são postos em funcionamento em dispositivos de saber-poder, cada um deles definido como “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (Foucault 2017: 364). O filósofo francês criou essa definição no percurso de um projeto que se propôs a analisar a história da sexualidade no Ocidente, investigando as práticas discursivas que levaram à marginalização de identidades de gênero e de orientações sexuais dissidentes.

Para seguirmos, pensemos em dois dispositivos, que, nos enunciados abaixo, atrelam-se: o da *sexualidade* e o do *futebol*. Enfatizamos, por ora, os comentários insatisfeitos com a publicação, feita pelo Fluminense Futebol Clube, da bandeira LGBTQIA+ ao fundo do brasão do time.

Nos enunciados reunidos na Figura 2, a veiculação de discursos de ódio é bastante perceptível, embora não haja xingamentos explícitos direcionados à comunidade LGBTQIA+. A partir da leitura deles, nossa interpretação conflui com a de Trindade (2022), para quem “discursos que manifestam ideologias racistas e preconceituosas, quando camuflados em piadas depreciativas, se tornaram naturalizados” (Trindade 2022: 115-116). Na primeira seleção de comentários, é possível identificar marcas de ironia e sarcasmo utilizadas na tentativa de revesti-los de humor, como se fossem uma “crítica descontraída” à atitude do Fluminense. Exemplo disso é a expressão “Orgulho LGBTQI” seguida por letras aleatórias, o que tem como objetivo implícito – e, ao mesmo tempo, óbvio – ridicularizar e descredibilizar o movimento responsável por agregar em sua sigla as múltiplas subjetividades de indivíduos cujas identidades de gênero ou orientações sexuais diferem dos padrões cisheteronormativos.

FIGURA 2

Primeira seleção de comentários LGBTQIA+fóbicos.

Fonte: perfil do Fluminense F. C. no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C8u29c-PvoT/?img_index=1. Acesso em: 18 jul. 2024.



Assim como a ciência fez, nos séculos XIX e XX, e algumas religiões até hoje o fazem, os sujeitos que postaram esses comentários se pautam na dicotomia *normalidade x anormalidade*. Essa prática se baseia, entre outros aspectos, no discurso científico, que, até 1990, encarava a homossexualidade como doença, e no discurso religioso cristão, o qual associa ao pecado as sexualidades e os gêneros em dissidência. Como destaca Spargo (2019: 20), historicamente, o indivíduo “homossexual foi transformado na figura patológica do perverso ou anormal, um caso de desenvolvimento interrompido, um caso que precisa de tratamento – em resumo, uma aberração da norma heterossexual”. Tal transformação se insere em um processo discursivo ao qual Foucault chama objetivação, que parte de saberes cristalizados na sociedade e deságua na sua repercussão em atos de exclusão e violência.

Os processos de objetivação que funcionam nos dispositivos da sexualidade e do futebol se atrelam ao aparato secular da *colonialidade do poder*, entendida pelo sociólogo e pensador peruano Aníbal Quijano (2005a) como uma instrumentalização do Norte Global, apoiada nos movimentos geopolíticos de exploração dos povos e das riquezas do Sul Global durante e após sua colonização, com fins a garantir a manutenção do seu domínio econômico, sociocultural e intelectual. As manifestações dessa colonialidade são perceptíveis nas tentativas de homogeneização da sociedade de acordo com padrões europeus e estadunidenses embasados em ideologias promotoras da superioridade de brancos, ricos, homens cisgênero, heterossexuais e de outros marcadores sociais de identidade que gozam de privilégios nas suas experiências de vida.

Todo um mundo privilegiado que se imaginava, se imagina ainda, autoproduzido e autoprotetido por seres da raça superior ‘par excellence’, por definição os únicos realmente dotados da capacidade de obter essas conquistas. Desse modo, daí em diante, a dependência histórico-estrutural da América Latina não seria mais somente uma marca da materialidade das relações sociais, mas sim, sobretudo, de suas novas relações subjetivas e intersubjetivas com a nova entidade/identidade chamada Europa Ocidental e a de seus descendentes e portadores onde quer que fossem e estivesse (Quijano 2005b: 21).

Nesse sentido, os comentários analisados nesta seção reproduzem discursos coloniais de dominação e marginalização que anulam as existências plurais da população LGBTQIA+. Um deles, por exemplo, baseia-se no saber religioso para criticar a homossexualidade. Tal saber se atrela intrinsecamente à colonialidade e foi instrumentalizado por muito tempo para exercer o controle e a exploração da população das colônias. Outro comentário se opõe ao pensamento de esquerda, o qual costuma lutar por justiça social e não tem espaço em uma perspectiva colonial, de distribuição desigual de renda e de desrespeito às diferenças, conjuntura bastante visível nos tempos em que pertencíamos politicamente a Portugal. O próprio sociólogo peruano nos aponta a necessidade de vislumbrar a descolonialidade, isto é, a crítica ferrenha aos padrões impostos e, não só ela, mas também a efetivação de práticas que embrulhem os tentáculos estrategistas e preconceituosos da colonialidade do poder.

Observe que, de acordo com os enunciados reunidos na Figura 2, futebol e comunidade LGBTQIA+ se encontram em lados opostos. Sob essa perspectiva, a interação entre ambos seria considerada anormal, a exemplo do comentário no qual um dos usuários, ao destacar que a torcida é que paga o ingresso, apresenta o posicionamento de que os grupos minorizados não fazem parte dela. Além desse usuário, os demais declaram que a atitude do Fluminense não passou de “lacrção”, como se não fosse necessário o clube se posicionar oficialmente diante das violências sofridas por torcedores/as LGBTQIA+. Mais do que isso, como se essas violências coloniais sequer existissem, ao contrário do que atesta o Coletivo de Torcidas Canarinho LGBTQ+, segundo o qual o Brasil registrou 74 ocorrências de LGBTQIA+fobia nos estádios em 2022 (César 2023).

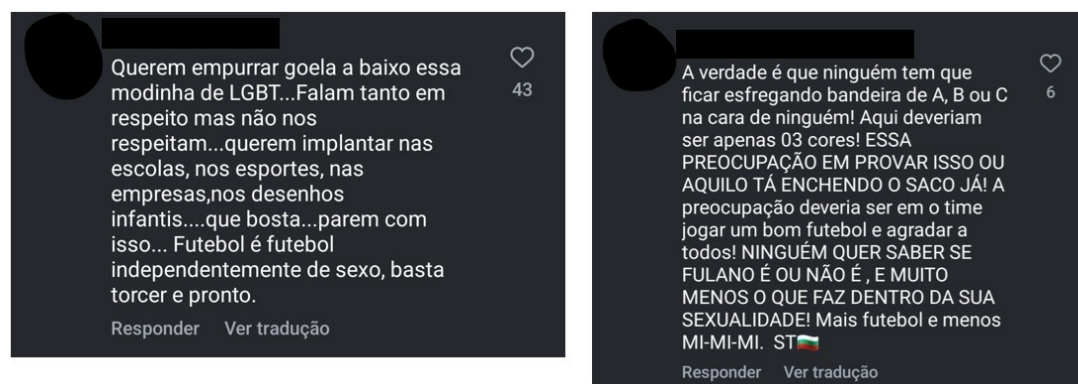
Tais pensamentos preconceituosos se amparam em discursos de masculinidade consolidados historicamente e formadores da sociedade nos âmbitos da família, da escola, da religião, da mídia e da política. O esporte, como espaço de entremeio que se encontra em tantos domínios discursivos, também sofre influência dos saberes sobre a masculinidade, conforme asseveram Pereira e Brito (2018). Os autores se debruçam sobre tais saberes na seara da educação física infantil e declaram que “a prática de exercícios físicos, no contexto do universo masculino, recorrentemente é vista como uma importante fonte de experiência da afirmação da masculinidade e percebida como uma barreira contra a feminilização” (Pereira e Brito 2018: 213).

Ademais, conforme os comentários selecionados, defender a comunidade é ajudar as causas sociopolíticas. Entretanto, eles desaprovam tal postura vinda de um time de futebol e ainda confundem o conceito de “causas sociopolíticas”, relacionando-o a uma ideologia de esquerda que não deveria ser assumida e exercida por todos/as. São visivelmente manipulados pela *antipolítica*, definida por Tiburi (2020: 145) como “a destruição orquestrada dessas potencialidades [de criar laços comuns em nome da convivência pacífica entre todos] em uma escala industrial”.

FIGURA 3

Segunda seleção de comentários LGBTQIA+fóbicos.

Fonte: perfil do Fluminense F. C. no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C8u29c-PvoT/?img_index=1. Acesso em: 18 jul. 2024.



Novamente invalidando a postura do Fluminense, na Figura 3, os/as usuários/as reforçam a necessidade da permanência do apagamento das existências LGBTQIA+ no futebol, uma vez que consideram irrelevante a orientação sexual ou a identidade de gênero nesse esporte. Contudo, a aparente indiferença e a tentativa de minimizar o debate revelam o ódio materializado nos enunciados e a objetivação dos sujeitos minorizados como pessoas não autorizadas a falar sobre suas singularidades e que devem silenciar diante dos preconceitos. Em outras palavras, para tais usuários, a convivência nos estádios pode até ser tolerável, mas sem demonstrações que exponham as identidades dissidentes. Tal comportamento excludente é evidentemente arraigado na colonialidade do poder. É, portanto, importante lembrar que “o ódio tem sido um grande capital movido pela cultura patriarcal, que sempre usou a misoginia como aspecto do psicopoder em todos os tempos” (Tiburi 2020: 67). Desse modo, não é de causar surpresa a rejeição, no imaginário social coletivo, à homossexualidade justamente por ser central a crítica a supostas características femininas atribuídas a esses homens *traidores do gênero*.

Apesar desses comentários violentos, os clubes de futebol se sentem cada vez mais impelidos a se posicionar em favor do respeito à diversidade. A legislação, que avança no combate à LGBTQIA+fobia, é um campo de saber responsável por instituir novas práticas, a exemplo das campanhas em defesa da comunidade tantas vezes marginalizada. Nesse sentido, o posicionamento oficial do Fluminense não nasce do acaso ou da benevolência da sua diretoria, mas da responsabilidade social e jurídica com a luta contra os atos machistas e LGBTQIA+fóbicos de parte dos/as seus/suas torcedores/as.

É preciso lembrar que o futebol se insere em uma *indústria cultural*, considerada por Adorno e Horkheimer (1985) como um sistema que visa à produção massiva de conteúdos de entretenimento em um contexto de homogeneização da população, de subordinação ao capitalismo e de dominação socioeconômica e político-cultural. Sob tal perspectiva, o futebol é discursivizado, tanto nos comentários acima quanto nos vários enunciados propagados na televisão, no rádio e na internet, como um esporte que une todos, independentemente das suas especificidades identitárias. Nessa homogeneização e naturalização das diferenças, reside a manutenção sutil das desigualdades, ou seja, ao disseminar os valores neoliberais, a mídia faz com que as diferenças sociais se tornem com-

ponentes que acabam por naturalizar desigualdades e tenta nos convencer de que a lógica capitalista é a única alternativa possível para o progresso (Bezerra 2023).

Os comentários selecionados também materializam o que Achille Mbembe (2018) chama de *necropolítica*, uma ressignificação do conceito foucaultiano de *biopolítica*. Para o autor camaronês, o Estado se vale de mecanismos que invisibilizam grupos minorizados e produz suas mortes, privando-os dos seus direitos fundamentais enquanto pessoas. Nesse sentido, descredibilizar as lutas da comunidade LGBTQIA+ e, conseqüentemente, permitir a recorrência de violências verbais e físicas nos estádios é uma estratégia de poder da necropolítica. Embora seja geralmente implementada pelo Estado, por meio de governos de extrema direita, esse sistema está enraizado nas instituições e na sociedade de maneira intrínseca em razão dos fortes traços de colonialidade das culturas hegemônicas. Assim, ainda que determinados governos não adotem explicitamente a necropolítica, ela se manifesta através da microfísica do poder nas relações cotidianas, como se pode notar nos comentários reunidos acima.

Como bem aponta Tiburi (2020: 66), “há populações inteiras levadas a seguir a ideologia autoritária por meio de processos de psicopoder que envolvem não só meios de comunicação tradicionais e redes sociais, mas também as Igrejas do mercado, que disseminam ideias preconceituosas e discursos de ódio”. No entanto, é sempre bom lembrar que onde há imposição do poder, há também resistência (Foucault, 2009), como é possível constatar a seguir.

3. Prorrogação interpretativa: práticas discursivas de resistência e promoção do respeito às diferenças

Mesmo diante dessas estratégias autoritárias de controle e disseminação de discursos excludentes, emergem fissuras e contranarrativas que desafiam as estruturas hegemônicas. Por exemplo, na mesma publicação do Fluminense, insurgiram também rupturas com o preconceito, as quais representam posturas descoloniais diante dos discursos hegemônicos de exclusão. De acordo com Foucault (2017), as relações de poder implicam necessariamente práticas discursivas de resistência; através destas, a sociedade avança na promoção do respeito aos direitos humanos. Sob esse viés transgressor, é fundamental ressaltar que a descolonialidade se apresenta como um campo de estudos, movimentos e comportamentos contra-hegemônicos que aponta para reflexões sobre o lugar dos povos e das identidades excluídas e subalternizadas na luta contra as ideologias dominantes. Dessa maneira, o pensar descolonial possibilita a emergência das vozes do Sul Global, inclusive no que concerne às epistemologias de África e da América Latina, a fim de produzir conhecimentos significativos sob a perspectiva das nações exploradas ao longo dos séculos de colonização.

Embora Mignolo e Walsh (2018), Santos e Meneses (2009) e outros/as autores/as se destaquem na discussão sobre o conceito de descolonialidade nas últimas décadas, atitudes e pensamentos descoloniais existem há mais de 500 anos. Eles se materializavam nas lutas de indivíduos colonizados, explorados e violentados contra as imposições políticas, culturais e econômicas das quais eram vítimas. Atualmente, as batalhas continuam sendo travadas nas tensões do cotidiano e os enunciados que constam da Figura 4 são alguns dos que as concretizam.

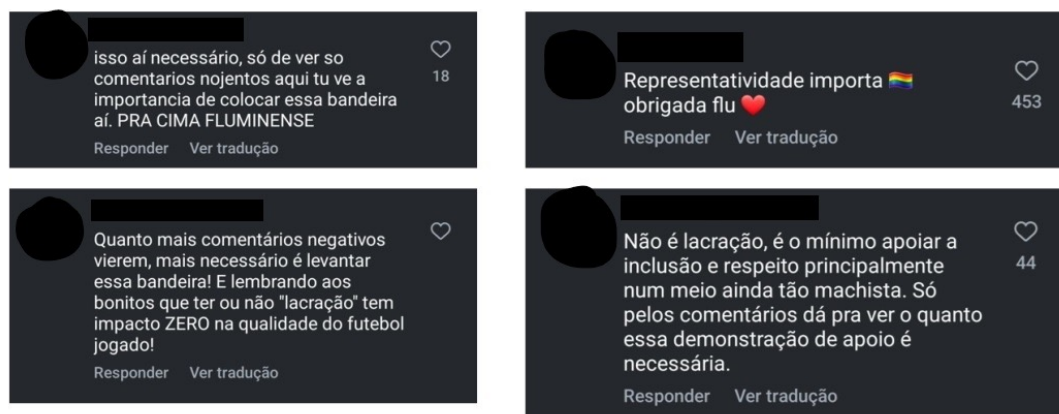
É perceptível que os comentários abaixo marcam um embate direto com aqueles que foram evidenciados nas figuras anteriores. Eles se referem a algumas expressões citadas, a exemplo da

palavra “lactação”, para argumentar combativamente, desconstruindo as ideias preconceituosas erguidas pelos outros usuários. Também justificam seu posicionamento de apoiar a iniciativa do Fluminense com base na homofobia presente em muitos dos comentários feitos abaixo da fotografia do Clube, que constituem manifestações de violência que atestam que o desrespeito às diferenças socio-identitárias existe em abundância. Ademais, pode-se concluir que a coragem desses usuários de resistir publicamente à cisheteronormatividade emerge em condições de possibilidade determinadas na contemporaneidade, principalmente no que diz respeito à institucionalização e à disseminação de políticas de inclusão.

FIGURA 4

Seleção de comentários contrários à LGBTQIA+fobia.

Fonte: perfil do Fluminense F. C. no Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C8u29c-PvoT/?img_index=1. Acesso em: 18 jul. 2024.



Além desses/as usuários/as, outro sujeito que resiste aos estigmas impostos à sua identidade é o influenciador digital Fernando Santos. No *Instagram* e no *TikTok*, Fernando é conhecido como Nando Gald. Gay, *drag queen* e torcedor do Vasco, ele corporifica subjetividades constantemente excluídas no que concerne à raça, à classe social e à orientação sexual, visto que abriga em si o peso e o orgulho de ser preto, pobre e homossexual. De acordo com Akotirene (2019: 27), é importante encarar tanto as violências quanto as resistências à luz da *interseccionalidade*, visto que esta

impede aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos. Em vez de somar identidades, analisa-se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade. Por sua vez, a identidade não pode se abster de nenhuma das suas marcações, mesmo que nem todas, contextualmente, estejam explicitadas.

Analisar as relações sociais sob um olhar interseccional significa lançar luz sobre um sistema de opressões que incide no corpo dos sujeitos abrangendo simultaneamente marcadores identitários de raça, gênero, classe social e sexualidade. Deve-se recordar que, embora a precursora do conceito, no âmbito acadêmico, tenha sido a jurista estadunidense e professora da teoria crítica de raça

Kimberlé Crenshaw em 2001, práticas interseccionais já direcionavam as pautas do movimento feminista negro no final do século XX. Conforme assevera Akotirene (2019: 14), “tal conceito é uma sensibilidade analítica, pensada por feministas negras cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista, a rigor, focado nos homens negros”. Nesse contexto, inserem-se mulheres brasileiras importantes para a propagação da noção de interseccionalidade, antes do seu advento na academia: Lélia Gonzalez (1935-1994), Maria Beatriz Nascimento (1942-1995) e Carolina Maria de Jesus (1914-1977) já escreviam textos que denunciavam as violências sofridas por mulheres negras e pobres, ou seja, por subjetividades específicas que constantemente são alvo da colonialidade do poder.

FIGURA 5

Fotos publicadas por Fernando Santos no Instagram.

Fonte: Perfil no Instagram de @nandogald. Disponível em: <https://shorturl.at/vv68J>.

Acesso em: 18 jul. 2024.



Apesar de o marcador social de gênero não configurar como uma opressão a Fernando Santos, em razão de ainda vivermos em uma sociedade patriarcal e machista que privilegia homens cis-

gênero, a análise da sua prática de resistência é pertinente na medida em que destaca a interseccionalidade entre raça, classe e sexualidade. Nas fotos acima, ele aparece em poses que costuma utilizar nos conteúdos publicados em suas redes sociais. Na primeira imagem de cada par, o influenciador digital expõe um estereótipo bastante associado às comunidades periféricas brasileiras: o do marginal. A legenda de um dos *seus posts* evidencia essa escolha estratégica: “Pensou que era marginal neh safada? Arrasta p lado >>>>>>”. A segunda imagem do par quebra a expectativa da anterior, apresentando um gesto descontraído e “afeminado”. Dessa maneira, Nando Gald concretiza, nesse enunciado verbo-visual, as intersecções que se encontram nele, as quais, muitas vezes, são alvo de exclusão e violência por se caracterizarem como identidades perseguidas pelos tentáculos do colonialismo.

Todavia, Fernando se apropria da expressão “marginal”, tipicamente empregada para machucar e estigmatizar, no intuito de ressignificá-la, assumindo essa identidade com orgulho e resistência, pois “a mudança no modo de pensar sobre a língua e sobre como a usamos necessariamente altera o modo como sabemos o que sabemos” (hooks 2017: 231). Tal postura conflui com as reflexões de Bispo dos Santos (2023: 13) no texto *Semear palavras*:

Eu, por dominar a técnica de adestramento, logo percebi que, para enfrentar a sociedade colonialista, em alguns momentos "precisamos transformar as armas dos inimigos em defesa", como dizia um dos meus grandes mestres de defesa. Então, para transformar a arte de denominar em uma arte de defesa, resolvemos denominar também. [...] A partir daí, seguimos na prática das denominações dos modos e das falas, para contrariar o colonialismo. É o que chamamos de *guerra das denominações*: o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las (grifo do autor).

Nesse sentido, uma atitude descolonial possível envolvendo explicitamente o uso da linguagem é a tomada para si, pelos grupos minorizados, de termos ofensivos e opressores, como “favelado”, “viado” e “bixa”, e a inversão dos seus efeitos de poder, a qual implica o empoderamento e a autoafirmação de subjetividades relegadas à marginalização pelos princípios coloniais. Conforme endossa Teixeira (2022: 216),

a hierarquização, bem como a marginalização provada a partir das administrações políticas do gênero, da raça e da sexualidade, por exemplo, são desarticulados, [sic] no instante em que os sujeitos enunciados como dissidentes recusam o silêncio imposto como uma condição inquebrável da sua existência.

Nando Gald já é uma representatividade LGBTQIA+ no futebol. Ele costuma ser convidado para jogos do Vasco, clube que também apoiou publicamente a luta da comunidade levando as cores da bandeira do movimento para as camisas dos jogadores em 2021. Casos como esse demonstram a resistência aos discursos cisheteronormativos, a luta pela promoção do respeito à diversidade de gênero e de orientação sexual em quaisquer ambientes, inclusive nos esportivos. Além disso, coletivos de torcidas LGBTQIA+ contribuem bastante com o combate à problemática abordada neste artigo. De acordo com anuário produzido pelo Coletivo de Torcidas Canarinho LGBTQ+, havia 21 grupos representativos da comunidade no futebol brasileiro em 2022. Um deles é a Torcida LGBTQ+ do Vasco. Segundo Beatriz Abreu, uma das líderes do coletivo,

Antes de 2021 era inimaginável ter alguém com o estereótipo do Nando em São Januário, se sentindo bem e sendo bem tratado pela torcida. É muito legal ver que abrimos portas. Ver ele se sentindo acolhido e seguro. [...] A mudança de pensamento e de comportamento da torcida passa pelo apoio do Vasco, que comprou a briga. A gente quer o diálogo, a educação, para a pessoa aprender e internalizar. Esse é o melhor caminho. O próprio manifesto assinado pelas torcidas em 2022, para parar com os gritos homofóbicos, foi ideia do Vasco. A gente não quer responder violência com mais violência, a gente quer responder com educação. (Ribeiro 2024)

Essa fala reforça que o apoio institucional é importante para a luta contra o preconceito, afinal grande parcela dos poderes que controlam a sociedade emana das instituições (Foucault 1999). A equiparação do crime de homofobia ao de racismo e o consequente agravamento da pena de pessoas homofóbicas também demonstram a competência e responsabilidade do Estado no combate à violência contra a comunidade LGBTQIA+. Assim, já que “o governo brasileiro vem envidando todos os esforços para assegurar a confiança internacional nos compromissos relativos à esfera macroeconômica”, “espera-se dele o mesmo empenho pelos compromissos sociais e de desenvolvimento humano acordados internacionalmente” (Carneiro 2011: 162).

Ademais, a reflexão de Beatriz Abreu relembra que “*as minorias sexuais e de gênero lutam, no Brasil e no mundo, apenas por igualdade de direitos já garantidos a heterossexuais cisgêneros, mas arbitrariamente negados às minorias sexuais e de gênero, e por aquilo indispensável ao respeito a seu direito à diferença*” (Vecchiatti 2019: 159, grifos do autor). Ela também sinaliza que há esperanças para um futuro mais justo e equânime por meio da educação, a qual necessita de uma sistematização com vistas à descolonialidade dos discursos através do compromisso político com o respeito aos direitos humanos. A prática educativa de desconstrução de discursos preconceituosos não deve se restringir à escola e à mídia, mas precisa integrar as experiências dos clubes de futebol, independentemente da sua abrangência, formando uma juventude consciente e atenta às questões sociais complexas.

Apito final, por ora

As reflexões desenvolvidas neste artigo se propuseram a analisar as relações de saber, poder e resistência que atravessam e constituem os sujeitos LGBTQIA+ simpatizantes do futebol. Por meio da interpretação discursiva dos comentários LGBTQIA+fóbicos na publicação do Fluminense, descrevemos os processos de objetivação que normalizam as identidades de gênero e as orientações sexuais e, conseqüentemente, excluem as que se caracterizam como dissidentes. Esses processos encontram respaldo em resquícios do saber científico propagado nos séculos anteriores e em construções do senso comum que invalidam as lutas da comunidade LGBTQIA+, associando-as a termos como “lacrção” e “mimimi”.

Além disso, a homogeneização das subjetividades, estratégia frequente da indústria cultural, pode ser identificada nos enunciados que apontam para a igualdade entre os seres humanos e descartam as singularidades das vivências LGBTQIA+. Tal estratégia favorece a continuidade de práticas discursivas derivadas de uma necropolítica, a qual tenta anular a existência de identidades dissidentes através de violências físicas, verbais e psicológicas.

Apresentamos também as possibilidades de resistência descolonial aos discursos cisheteronormativos, a exemplo da atuação do influenciador digital Nando Gald, da organização de torcidas LGBTQIA+ e dos poderes institucionais. Consideramos que, embora seja possível constatar avanços em relação ao respeito à diversidade sexual e de gênero no futebol, ainda há um longo caminho para percorrer a fim de que comentários de ódio como os analisados neste artigo não surjam com tamanha “espontaneidade”.

Discutir acerca dessa temática, à luz dos Estudos Discursivos Foucaultianos e da Linguística Aplicada Transviada, certamente contribui com a construção de uma sociedade mais justa e equânime para sujeitos que sofrem diariamente em razão de os seus marcadores identitários, analisados em uma perspectiva interseccional, serem perseguidos por uma sociedade cujas culturas hegemônicas incorporaram ideologias colonialistas.

Devemos acrescentar que nossa pesquisa não é descolonial somente em virtude da problemática investigada, mas também em razão dos conhecimentos epistemológicos mobilizados na fundamentação analítica, os quais correspondem às vozes do Sul, isto é, de teóricos/as e pensadores/as de África e da América Latina representantes de um processo contra-hegemônico no campo científico.

Nesse sentido, pesquisas transdisciplinares no campo da LA podem ser bastante produtivas para refletir sobre a diversidade de gênero e de orientação sexual nas aulas de Educação Física na educação básica, as experiências de jogadores/as e ex-jogadores/as de futebol que declararam publicamente sua homossexualidade, a inclusão e a exclusão de discursos de diversidade em regimentos de clubes brasileiros, entre tantas possibilidades.

Por fim, esperamos que este artigo incentive outras reflexões promotoras da descolonização de subjetividades e de práticas discursivas de saber-poder. Afinal, a produção de novos conhecimentos é capaz de convencer a sociedade de que prorrogar a violência contra grupos minorizados não passa de um jogo cruel e covarde. Lembremos, contudo, de celebrar as pequenas vitórias, pois é “pelo trabalho crítico incansavelmente repetido, [que podemos] deslocar os limites que nos são impostos e ampliar as possibilidades de liberdade” (Eribon 2008: 408). Sendo assim, em busca de avanços democráticos e humanitários, particularmente aqueles que tocam mais diretamente a comunidade LGBTQIA+ em nosso país, não devemos perder de vista as conquistas já realizadas – apesar de ser igualmente importante estarmos alertas para os perigos que setores conservadores da sociedade representam na sociedade contemporânea.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. 1985. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução de Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro: Zahar Editores.

AKOTIRENE, Carla. 2019. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen.

BANDEIRA, Gustavo. 2010. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. *Revista Brasileira de Educação*, v. 15, n. 44: 342-410.

BEZERRA, Fábio. 2023. *Linguística Aplicada Transviada: gênero e sexualidade nos estudos da linguagem em perspectiva descolonial, interseccional e transdisciplinar*. Campinas: Pontes Editores.

- BISPO DOS SANTOS, Antônio. 2023. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora; PISEAGRAMA.
- BRESQUE, Gabriel. 2021. Uma nova perspectiva da virilidade a partir do esporte brasileiro. *Revista Perspectivas Sociais*, v. 7, n. 1: 49-61.
- CARNEIRO, Sueli. 2011. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro.
- CÉSAR, Caio. 2023. [Disponível na internet em <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/preconceito-em-campo-8-em-cada-10-torcidas-lgbts-nao-frequentam-estadios-de-forma-organizada>]. Preconceito em campo: 8 em cada 10 torcidas LGBTs não frequentam estádios de forma organizada. *Carta Capital*, Diversidade [Consulta: 18 de julho de 2024].
- ERIBON, Didier. 2008. *Reflexão sobre a questão gay*. Trad. de Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. 1995. In: Dreyfus, H.; Rabinow, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução de Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FOUCAULT, Michel. 1999. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola.
- FOUCAULT, Michel. 2003. *Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FOUCAULT, Michel. 2009. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 19 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- FOUCAULT, Michel. 2017. *Microfísica do poder*. 6. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz e Terra.
- HOOBS, bell. 2017. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Trad. de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- KESSLER, Cláudia. 2012. Se é futebol, é masculino? *Sociologias Plurais*, n. 1: 240-254.
- MBEMBE, Achille. 2018. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. São Paulo: N-1 edições.
- MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. 2018. *On decoloniality: Concepts, analytics, praxis*. Duke University Press.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). 2006. *Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial.
- PEREIRA, Erik; BRITO, Leandro. 2018. Meninos de verdade: discursos de masculinidades na educação física infantil. In: CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paulo (org). *De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil*, pp. 212-230. Rio de Janeiro: Lamparina.
- QUIJANO, Anibal. 2005a. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Anibal. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO.

QUIJANO, Anibal. 2005b. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 19, n. 55: 9-31.

RIBEIRO, Emanuelle. 2024. [Disponível na Internet em <https://ge.globo.com/futebol/times/vasco/noticia/2024/06/28/gay-drag-queen-e-torcedor-do-vasco-respeite-a-historia-de-nando-gald.gh.html>]. Gay, drag queen e torcedor do Vasco: respeite a história de Nando Gald. *G1*, Globo Esporte. [Consulta: 18 de julho de 2024].

RIOS, Fábio; COELHO, Maria Claudia. 2020. Emoção e masculinidade no universo do futebol no Brasil. *Cadernos Pagu*, n. 58.

SANTANA, Eder. 2018. *LGBT como pauta do jornalismo: política, direitos civis, celebridades e violência*. Salvador: Editora Devires.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. 2009. *Epistemologias do sul*. Coimbra: Edições Almedina.

SPAGGIARI, Enrico. 2023. Produção de masculinidades e futebolistas: etnografias da paisagem varzeana de São Paulo (SP). *Revista Diversidade e Educação*, v. 11, n. 2: 107-132.

SPARGO, Tamsin. 2019. *Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares*. Trad. de Heci Regina Candiani. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

TEIXEIRA, Thiago. 2022. Além de preto, viado: uma análise sobre as masculinidades negras afeminadas. In: SOUZA, David; SANTOS, Daniel; ZACARIAS, Vinícius (org). *Bixas pretas: dissidências, memórias e afetividades*, pp. 214-224. Salvador: Devires.

TEIXEIRA, Thiago. 2024. *Políticas de descontinuidade: ética e subversão*. Salvador: Editora Devires.

TIBURI, Marcia. 2020. *Como derrotar o turbotecnocracismo ou seja lá o nome que se queira dar ao mal que devemos superar*. Rio de Janeiro: Record.

TRINDADE, Luiz. 2022. *Discurso de ódio nas redes sociais*. São Paulo: Jandaíra.

VECCHIATTI, Paulo. 2019. Mobilização judicial pelos direitos da diversidade sexual e de gênero no Brasil. In: LELIS, Rafael; ALMEIDA, Marcos (org). *Diálogos LGBTI+ : avançando lutas e conjugando campos*, pp. 157-187. Salvador: Editora Devires.

DOUGLAS DE OLIVEIRA DOMINGOS. Professor de Língua Portuguesa na Secretaria de Estado da Educação da Paraíba (SEE-PB) e na Secretaria de Educação do Município de Cabedelo (SEDUC). Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING / CCHLA / UFPB), licenciado em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Vale do Acaraú / UNAVIDA (2017) e graduado em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (2019). Atualmente é doutorando no PROLING e interessa-se por temas relativos à Análise do Discurso, especificamente aos Estudos Discursivos Foucaultianos.

Correo electrónico: douglasdeoliveira55@gmail.com

FÁBIO ALEXANDRE SILVA BEZERRA. Doutor em Língua Inglesa e Linguística Aplicada (UFSC). PhD em Linguística (*The University of Sydney*). Pós-doutorado em Sociologia (UFPB), onde é Professor Associado do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística. Lidera o GEPLAM (UFPB/CNPq): [instagram.com/geplamufpb](https://www.instagram.com/geplamufpb). Investiga temáticas socio-identitárias em perspectivas transviada, interseccional e descolonial, articulando análises sistêmico-funcionais, sociossemióticas e críticas do discurso multimodal. Membro da Red Latinoamericana de Estudios sobre Multimodalidad (RedLem). Membro da ALAB e da ABRALIN, na qual integra a Comissão de Diversidade, Igualdade e Inclusão. Líder da Rede nacional GSI - Gêneros, Sexualidades e Intersecções, afiliada ao Projeto Nacional de Letramentos (USP).

Correo electrónico: fabes10@yahoo.com.br